

MEU SOLILÓQUIO: TECNOLOGIAS DIGITAIS MOVEIS E EDUCAÇÃO...O MUNDO MUDA!

My soliloquy: mobile digital technologies and education...the world changes!

Karina Aparecida VICENTIN, PUC-CAMPINAS¹

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo refletir teoricamente sobre as mudanças do mundo e as tecnologias digitais móveis na educação, através das minhas próprias reflexões em minhas narrativas digitais sobre tais mudanças e o que as mesmas têm representado no sistema educacional vigente. Utilizo os escritos de Santaella (2013) num diálogo breve com Freire (2005, 2010), para trazer o conceito de ubiquidade e sua relação com o indivíduo autônomo que constrói sua própria aprendizagem e conhecimento. O conceito de *mobile learning* de Sharples (2005,2009) e Pegrum (2014) me ajuda na tentativa de pensar sobre a aprendizagem móvel em contextos educacionais.

PALAVRAS-CHAVE: *mobile learning*; ubiquidade; educação; narrativas digitais.

ABSTRACT: This paper has the objective of reflecting theoretically about the changes in the world and mobile digital Technologies in education, through my own reflections in my digital narratives about those changes and what these changes have represented in the current educational system. I bring Santaella's writings (2013) in a brief dialogue with Freire (2005,2010), so that I can show the concept of ubiquity and its relationship with the autonomous individual who builds his own learning and knowledge. The concept of mobile learning from Sharples (2005, 2009) and Pegrum (2014) helps me in the attempt of thinking about mobile learning in educational contexts.

KEY WORDS: mobile learning; ubiquity; education; digital narratives.

*Sou a representação escrita literária desta
narrativa, sou resultado do processo de
transformações nas formas de atuar em minha
nave. Sobrevoos céus ainda pouco explorados.
Minha nave tem nova configuração e o novo
sempre me assusta, mas me constitui.*
Vicentin (2015)

Era última semana de julho, o inverno quase não se mostrara neste ano. Aproveitei a recente mudança de apartamento para reorganizar meu material de estudos e de trabalho. Sobre a escrivaninha me aguarda a caixa com apostilas, textos xerocados

¹ Doutoranda em Linguística Aplicada no IEL/UNICAMP. kvicentin@hotmail.com

e revistas científicas dos tempos da graduação, quando realizava as pesquisas na biblioteca da universidade. No meio dos livros, fotos da turma de graduação tiradas na câmera analógica, palavra que ganhou sentido quando substituída pela digital. Aos poucos minha memória trazia como era ser estudante universitária, como fazíamos os trabalhos e como nos comunicávamos, colegas e professores. Naquela ocasião eu dava aulas de inglês numa das unidades Fisk, atividade que ajudava a bancar os meus estudos. Na caixa encontro algumas fitas cassete usadas nas atividades em áudio. Fecho os olhos e me vejo com o toca fitas sobre a mesa, ouvindo trechos, transcrevendo e copiando as letras de músicas, avançando para entender a pronúncia e decifrar textos quase incompreensíveis, inúmeras vezes. Ouvir, copiar, cantarolar, horas de trabalho de um vai e volta.

Certa nostalgia me invade. Saudades da que eu era, apesar de tantas dificuldades, em comparação com a que sou hoje.

Minha cidade, apesar de próxima de uma região metropolitana, era bem pequena e o negócio de vídeo locadora estava em alta. Meus pais abriram uma dessas e pude acompanhar as mudanças que ocorreram nessa mídia com a chegada do DVD e da televisão com multicanais, numa oferta ampliada de programação, o que acabou por reduzir o interesse pelos filmes alugados. Meus pais acabaram com o negócio. As grandes redes mantiveram ainda um tempo suas portas abertas e, por fim, assisti uma das últimas a sucumbir. Em certa ocasião, numa conversa com o funcionário antigo sobre o que acontecia com os filmes que desapareciam das prateleiras, ele me respondeu: “acompanhamos pelo computador a frequência pela procura do filme e, quando passa um determinado tempo sem nenhuma requisição, o retiramos”. Fiquei pensando nisso. Como se dá a substituição de processos e de culturas na sociedade? Como o novo chega e como o antigo se renova com ele? E agora, justo agora, por que estou a pensar tais coisas comigo mesma, como se soliloquiasse?

Admito ser dessas pessoas que se beneficiam com a pesquisa e com a compra *online* de coleções completas de minha banda preferida, *The Cranberries*, ou de clássicos como Charles Chaplin, shows, minisséries etc., ou qualquer outro que a *indústria* de remasterização considere comercial. O mesmo aconteceu com os vinis, mantidos pelos *DJs*, mas usado de outro jeito. Apesar de pouca idade, vi mudanças de duas décadas passarem nas mais diversas esferas sociais.

Abri as anotações que fizera por ocasião da dissertação do mestrado nas disciplinas que fazia para cumprir todos os créditos obrigatórios do programa, sobre as transformações identificadas no processo histórico da sociedade humana. Kuenzer (1990, p.67) afirma que “é preciso apreender o movimento dos fatos através do desenvolvimento histórico, as formas de estruturação, as conexões internas, as relações de causalidade, as dimensões entre o permanente e o transitório”. Essa compreensão da qual nos fala a autora diz respeito à percepção de que cada fato é parte de um momento do todo, revelador de uma certa especificidade, ao mesmo tempo que sinaliza para a compreensão da totalidade pelas relações de interdependência e dinamismo recíproco entre ambos. Esse tempo em que estamos agora, caracterizado pelo que Bauman (2007) chamou de estado líquido das verdades, não está totalmente desvinculado daquele em que o sólido se mostrou impróprio para explicar a dinâmica da sociedade de tal época.

Penso, então, que minhas fitas cassetes usadas no ensino de inglês não estavam descoladas do passado, quando ainda não havia os toca fitas e o ensino das línguas estrangeiras era limitado à transmissão de conhecimentos pelos professores e se valia de livros e guias instrucionais, mas interligadas a ele e, do mesmo modo, ao presente em que as tecnologias me permitem localizar a música na rede, trazê-la para meus arquivos e, ao mesmo tempo, ouvir, ler, escrever com tantas outras possibilidades de legendas, ilustrações e leituras relacionadas. E, de certa maneira, está também colada ao futuro ampliando o conhecimento construído historicamente, reconhecendo que o conhecimento antes processado em blocos aparentemente fixos e imutáveis, sólidos como afirma Bauman (2001), agora o é em rede.

Um toque no meu celular me avisa que há novas mensagens dos vários grupos do meu *Whatsapp*. Acesso e, na tela iluminada, ouço a mensagem de voz de minha sobrinha de três anos cantando para mim a última canção que aprendeu. Tem ainda outra mensagem de minha irmã do meio compartilhando para a família a primeira foto de seu bebê de quatro semanas. Em rede de comunicação, nossa família se emocionou, sorriu, chorou, mas minha irmã continua lá em seu trabalho, com seus afazeres do dia-a-dia, e cada um de nós com o celular nas mãos. Tantas histórias eu poderia contar dessa cultura digital que nos ocupou a vida como um todo, mas penso mais rápido do que escrevo e corro o sério risco de não conseguir terminar o meu solilóquio. E continuo a pensar sobre a cultura digital, uma cultura que mudou nossa identificação com o surgimento do endereço eletrônico e dos perfis que desenvolvemos em blogs, redes

sociais e tantos outros ambientes. E, então, prossigo com a conversa comigo mesma pensando que as tecnologias, na verdade, são os meios pelos quais realizamos as tarefas do dia-a-dia, meios esses que sempre mudaram e sempre mudarão, mas o que mudou com elas foi a velocidade e o tempo que ocupamos para realizar as mesmas coisas que fazíamos antes sem as mesmas; o que mudou são as relações que estabelecemos com as pessoas via tecnologia; o que mudou foi a necessidade de se repensar uma escola e uma educação que contemple tais mudanças no mundo, na sociedade e na maneira de nos relacionarmos em qualquer esfera social

Tenho uma amiga (Soares, 2006) que escreveu sobre o uso pedagógico das tecnologias. Ela dizia que é a relação que estabelecemos com as tecnologias que determina o uso que fazemos delas. Por isso o uso pedagógico. Eu a conheci numa apresentação de seu trabalho na forma de Relatório Digital. Foi um dos primeiros contatos que tive com o hipertexto. Mantivemos a comunicação por mais de quatro anos, partilhamos nossos blogs, textos, viagens, projetos profissionais, pessoais e também os afetivos, sempre pelo meio *online*, ou seja, exercitamos nossa relação com as tecnologias a partir de nossos interesses pessoais sem perder a criticidade sobre o valor da presença que inspira a poesia em relação ao fantástico mundo de cores, movimentos e sons que as telas digitais exibem.

Volto a minha caixa de guardados e nela um livro de Pierre Lévy que li há um tempo atrás. Já não sei precisar o tempo, talvez tenha sido ontem mesmo, mas não consigo me recordar agora. Enfim, Lévy (2000) foi um dos primeiros autores a trazer as ideias sobre o ciberespaço, a sociedade virtual e outras abordagens que nos introduziam as questões movidas pelas tecnologias de informação e comunicação e as transformações com a cultura digital.

A Internet, ciberespaço de Lévy, promoveu a conectividade e a conexão passou a ser um estado, uma maneira de estar no mundo. Do meu quarto, ou até mesmo do banheiro enquanto espero a água do chuveiro esquentar, estou conectada e adianto algumas operações ligadas aos estudos, trabalho e vida social. Ao sair de meu ambiente procuro saber se terei rede de conexão rápida, um dado que define minhas escolhas.

Estar conectado pressupõe para o indivíduo estar participando do mundo virtual, onde supostamente as coisas acontecem mais rapidamente que no mundo real. Assim, por meio de celulares, *tablets* e todo um arsenal multimidiático vistos como maravilhas da tecnologia, nos mantemos conectados e em sintonia com tudo o que está acontecendo

no planeta. O tempo que passamos conectados tende a aumentar a cada experiência de conexão, revertendo em maior envolvimento e gerando sempre novas demandas e necessidades, ou seja, “acontece” uma aprendizagem sobre o uso e as potencialidades dos dispositivos móveis.

Estar desconectado causa sensação de estar fora do sistema, excluído dos acontecimentos, sentimento que tem gerado estudos sociológicos a partir da indagação sobre o que acontece quando o engajamento nas novas formas de comunicação demanda tanta atenção que nos priva do que é realmente importante.

Segundo Powers (2012), em seu livro *Blackberry de Hamlet – Filosofia e prática para viver bem na era digital*, sobre mídia e tecnologia, o autor destaca que para resolver esse impasse, é preciso um novo modo de pensar, uma filosofia prática para um cotidiano repleto de telas. Recorrendo a alguns dos pensadores mais brilhantes da história – de Platão a Thoreau, passando por Shakespeare – *O Blackberry de Hamlet* demonstra que a conectividade digital só é útil se conseguirmos descolar a vida real da vida virtual. O que nos desafia a repensar nosso dia-a-dia e a ter novamente o controle da nossa vida. E quem disse que conseguimos fazer isso? E quem disse que eu consigo fazer? Será que isso é mesmo necessário? Talvez eu deva reler Powers e confrontá-lo com outras ideias...

Alguém me chama e, desta vez, não pelo celular. É minha mãe que, aos 59 anos, está fazendo parte das redes sociais e grupos do *Whatsapp*, e não só da família. Ela está repleta de dúvidas sobre como compartilhar fotos e imagens dentro de seus grupos e me faz várias perguntas sobre o assunto. Eu a ajudo, pacientemente, com cada uma de suas dúvidas. Por fim, me avisa que os meus antigos CDs dos *The Cranberries* já estão separados. Olho pra ela e sorrio com a figura franzina que atravessou o século comigo, enfrentando desafios da educação que recebeu. De novo me vêm à reflexão as mudanças de costumes, valores e paradigmas.

Lembro-me de uma conversa com minha amiga sobre interatividade e outros conceitos que se difundiam, na ocasião, no meio educacional. Ela argumentava *em torno da necessidade de novos paradigmas para explicar os fenômenos* trazidos pelas mudanças tecnológicas de repercussão socioculturais reveladas na participação, na intervenção, na bidirecionalidade e nas multiplicidades de conexões que rompem a linearidade e a separação emissão-recepção. O desafio está sempre no entender a interatividade que permite ao usuário ser ator e autor, num passeio livre que ele mesmo

decide sobre sua rota e duração. Ela mencionava e refletia sobre o hipertexto que, numa galáxia de informações disponíveis, oportuniza a autonomia do leitor na escolha de seu percurso, de sua rota e a duração da mesma, que pode ser em qualquer tempo e lugar.

Nesse momento de nossa conversa tocávamos no ponto que vinha norteando meus estudos sobre o ensino de inglês, e de outras línguas estrangeiras, utilizando dispositivos móveis na comunicação, ensino e aprendizagem. Conversamos sobre o conceito de *ubiquidade* que, de acordo com alguns autores (SANTAELLA 2013, por exemplo), pode ser compreendida como aquilo que está ou pode estar em toda parte e ao mesmo tempo, podendo ser acessado em qualquer momento.

Santaella (2013,p.15) cita a ubiquidade dos aparelhos, ubiquidade das redes, ubiquidade da informação, ubiquidade da comunicação, ubiquidade dos objetos e dos ambientes, ubiquidade das cidades, dos corpos e das mentes, ubiquidade da aprendizagem, ubiquidade da vida no escoar do tempo em que é vivida. Uma outra definição de ubiquidade, encontrada em Santaella, mostra que:

O conceito de ubiquidade sozinho não inclui mobilidade, mas os aparelhos móveis podem ser considerados ubíquos a partir do momento em que podem ser encontrados e usados em qualquer lugar. Tecnicamente, a ubiquidade pode ser definida como a habilidade de se comunicar a qualquer hora e em qualquer lugar via aparelhos eletrônicos espalhados pelo meio ambiente. Idealmente, essa conectividade é mantida independente do movimento ou da localização da entidade. Essa independência da necessidade de localização deve estar disponível em áreas muito grandes para um único meio com fio, como, por exemplo, um cabo ethernet. Evidentemente, a tecnologia sem fio proporciona maior ubiquidade do que é possível com os meios com fio, especialmente, quando se dá em movimento. Além do mais, muitos servidores sem fio espalhados pelo ambiente permitem que o usuário se mova livremente pelo espaço físico sempre conectado.(SANTAELLA, 2013, p.15)

Originada da *ubiquitous learning*, na língua portuguesa, aprendizagem ubíqua, é uma nova abordagem que explica as transformações operadas na educação formal com o advento das redes de dados que integram sinais de Internet, TV, rádio e todo um universo de dispositivos móveis que permitem o surgimento da ubiquidade. Quando refletimos acerca dos dispositivos móveis, a autora afirma:

O que muda com os dispositivos móveis? Agora o computador nos acompanha, e a conexão se dá onde quer que estejamos, o que potencializa sobremaneira a educação informal. É a essa nova potência que chamo de aprendizagem ubíqua, ou seja, uma

modalidade de aprendizagem que é contingencial e inadvertida. Equipada com um dispositivo de conexão contínua, a pessoa pode saciar a sua curiosidade sobre qualquer assunto a qualquer momento e em qualquer lugar que esteja. O que emerge, portanto, é um novo processo de aprendizagem que prescinde de quaisquer sistemáticas de ensino. Isso posto, cumpre indagar se essa nova forma de aprendizagem prescinde e dispensa os processos de educação formal. (SANTAELLA, 2013, p. 303)

Para Kidd e Chen (2011), citados por Santaella, os pressupostos filosóficos da aprendizagem ubíqua tem seu eixo na pedagogia construtivista desenvolvida a partir do pensamento de Vygotsky, onde o foco é o aprendizado em seu processo histórico social e não mais centrada na figura do professor e no seu fazer pedagógico como na abordagem tradicional da pedagogia. Os autores contextualizam esse processo histórico e social que culmina no aprendizado favorecido pelo ambiente ubíquo, o qual comporta atividades simultâneas e interatividade constante, sinalizando para o sujeito que constrói a própria aprendizagem com autonomia e segundo seus interesses, motivações e necessidades.

Essa nova possibilidade da aprendizagem nos remete ao sistema escolar inserido nas políticas educacionais definidoras do currículo, do ensino, da aprendizagem e do funcionamento das rotinas que, historicamente, ocuparam o lugar legítimo da educação e que, mesmo com o advento e ampliação dos usos das tecnologias facilitadoras da aprendizagem autônoma, mantém o poder da certificação do saber.

Interrompo a arrumação das minhas “coisas” e tento organizar agora os meus pensamentos porque percebo que os mesmos estão mais “bagunçados” do que meus livros e papéis espalhados pelo chão. Me vem um pensamento engraçado, mas o que perfeitamente descreve a minha sensação daquele momento: “os meus papéis estão mais arrumados do que meu papel enquanto professora!” E dou risada, sorrio amarelo pra mim mesma! Começo, então, a refletir sobre a educação formal e a não formal e tudo me foge do controle!

Paralelamente, e originada dos movimentos sociais, a educação não formal extrapola a sistematização da educação escolar. A educação não formal pode ser aquela que acontece fora da escola, sem hora e tempo certo para acontecer, móvel, pela qual aprende-se enquanto se está vivendo, enquanto se está em contato com outras pessoas, em momentos de interação e trocas de experiências. Acredito que a educação não

formal deveria acontecer também dentro dos muros da escola, com um currículo contextualizado na realidade do aluno, dando liberdade na seleção de conteúdos e escolhas metodológicas, objetivando promover, com o domínio da leitura e da escrita, a autonomia do indivíduo.

A educação não formal ganha com o potencial de aprendizagem ubíqua, nascida da interatividade do indivíduo com plataformas que propiciam uma galáxia de informações passíveis de se tornarem conhecimento, numa aprendizagem que extrapola o sistema educacional. Essa reinauguração da educação, com as tecnologias e seus dispositivos móveis, se manifesta pela liberdade e interação do indivíduo-educando-autônomo com o conhecimento em rede. Isso ampliou o caráter político dessa educação na medida em que, na aprendizagem ubíqua, o indivíduo conduz seu próprio aprendizado, não sofrendo influência curricular ou influência de políticas educacionais que direcionam a aprendizagem, a escolha de saberes e conhecimentos privilegiados pelas escolhas de quem detém o poder, as quais visam integrar o indivíduo na sociedade letrada, lema sempre carregado de ideologias das mais diversas ordens.

Agora o indivíduo, educando autônomo, conduz a própria aprendizagem independente até mesmo do educador, o antigo animador dos círculos de cultura originados pelo pensamento de Paulo Freire (2005, 2010) e presente até os nossos dias em algumas regiões do Brasil. Nesse quadro aparece a inclusão digital que, muito mais que uma ação planejada, vem ocorrendo pela acessibilidade cada vez mais amigável, integrada e autoexplicativa dos dispositivos e seus aplicativos, aumentando cada vez mais o número de usuários que participam das redes sociais e do compartilhamento do conhecimento.

Num esforço de situar a aprendizagem ubíqua no contexto das tecnologias, Santaella (2013), entre outros autores, as define como estágios e, de acordo com a autora, já alcançamos cinco gerações de tecnologias de linguagem responsáveis pela estruturação de relações espaços-temporais às quais o pensamento e a sensibilidade do ser humano se adaptam e que produzem mudanças neurológicas e sensoriais que afetam nossas percepções e ações e que se manifestam no comportamento de modo geral e também específico, como no caso da educação e da aprendizagem.

Essas cinco gerações são sintetizadas por **Tecnologias do reprodutível**, surgidas com a explosão demográfica e cuja linguagem se pauta pela reprodutividade técnica disseminando a cultura de massa por meio do jornal, foto e cinema; as

Tecnologias da difusão, caracterizadas pela transmissão via satélite e que alargou a indústria cultural atingindo um número cada vez maior de indivíduos e grupos sociais; as **Tecnologias do disponível** que, a partir dos anos 1990, com os seus *gadgets*, personalizaram a recepção de signos de origens diversas e extratos culturais variados, redes de televisão a cabo entre outros; as **Tecnologias do acesso**, responsáveis pela conversão em uma única linguagem informática de qualquer conteúdo de texto, imagem, sons, armazenados em múltiplas redes e serviços de múltiplos usos instalando a relação ser humano/máquina, tornando obsoleto o termo “recepção para a interação” na medida em que o indivíduo é o agenciador de seus usos; e, por fim, as **Tecnologias da conexão contínua**, que instalaram vias virtuais de comunicação e acesso a informação onde quer que a vida aconteça.

A história das transformações do mundo humano causadas pelas invenções tecnológicas dos indivíduos se apresentam demarcadoras de períodos que remontam o tempo que sua difusão exigiu pra ser massivamente absorvida. Nesse quadro, temos as tecnologias que levaram gerações, tais como a invenção da roda, da máquina a vapor, da imprensa, do aeroplano, do automóvel, da televisão e até mesmo da Internet. Temos as que, em apenas uma década atingiram todo o mundo, que é o caso do telefone móvel. Por fim, temos as vias virtuais de comunicação, que permitiram integrar todas as funções comunicacionais de outras mídias, numa independência geográfica espacial, mais ou menos livre de sistemas de regulações e normas, uma vez que não podemos nos esquecer dos bloqueios e proibições na tentativa de impedir acesso a tais vias em nações com governos totalitários e ditatoriais. Essas, pelo seu caráter de conexão e acesso contínuo a informações, mediados por dispositivos móveis, vem interferindo nas relações sociais com novos comportamentos coletivos e atitudes que resultam em formas de ensinar e aprender.

Nesse contexto da novas demandas que se apresentam para a educação e, principalmente no ensino e aprendizagem de línguas, gostaria de “contar histórias”, nesse meu solilóquio, ou confusão de pensamentos embaralhados, sobre o *mobile learning*. Nenhuma outra tecnologia tem causado tanta mudança em tão pouco tempo, como o uso da tecnologia móvel em geral e, principalmente, do celular.

Em 2002 o número de telefones móveis ultrapassou o número de telefones fixos no mundo todo e, em 2013, era esperado que o número de dispositivos móveis com acesso à internet ultrapassasse o número de computadores, o que traz mobilidade e

flexibilidade ao usuário. Mas não são apenas nossos aparelhos que são móveis, pois nós também somos, uma vez que nos socializamos, aprendemos e trabalhamos em múltiplos contextos. Devido à mobilidade de nossos aparelhos, nós acessamos informações e fontes, nos conectamos e nos comunicamos com outras pessoas, criamos e compartilhamos mídia quase em todos os lugares, em menor ou maior grau, pois nem todas as pessoas têm as mesmas condições de acesso à tamanha conectividade.

O *mobile learning* tem sido definido de diferentes maneiras por diversos autores. De acordo com Santaella (2013), *mobile learning (m-learning)* é o aluno deixar de ver o aprendizado como uma ação que tem hora e local para acontecer. Com as facilidades do acesso e da comunicação móvel, via celulares com acesso a internet, o aluno pode aprender em qualquer hora, em qualquer lugar, a todo momento, na interação com outros usuários, numa troca de experiências e conhecimento nunca antes registrado na história da humanidade.

Ainda refletindo acerca da definição de *m-learning*, Sharples et al (2005) definem dois componentes deste conceito: o primeiro é a definição de *mobile* (mobilidade) e o segundo é o conceito de *learning* (aprendizagem). O conceito de *mobile*, segundo os autores, pode referir-se tanto às tecnologias móveis quanto à mobilidade dos usuários (aprendizes em potencial) e à mobilidade dos conteúdos e contextos. Afirmam ainda que, na discussão acerca das teorias do *mobile learning*, é importante refletir sobre as diferenças da aprendizagem móvel e os outros tipos de aprendizagem, destacando que a diferença principal é o pressuposto que os aprendizes estão em constante movimento. A ideia não é separar a aprendizagem móvel de outras atividades educacionais, mas repensar sobre sua ação conjunta na escola e fora da mesma:

Colocar a mobilidade da aprendizagem como objeto de análise, nós podemos entender melhor como o conhecimento e as habilidades podem ser transferidas através de contextos tais como casa e escola, como a aprendizagem pode ser gerenciada nas transições da vida, e como novas tecnologias podem ser desenvolvidas para apoiar uma sociedade na qual as pessoas em movimento cada vez mais tentam incluir a aprendizagem nos interstícios da vida diária. (SHARPLES, 2005, p.02)²

² Tradução livre: By placing mobility of learning as the object of analysis we may understand better how knowledge and skills can be transferred across contexts such as home and school, how learning can be managed across life transitions, and how new technologies can be designed to support a society

O termo *m-learning* indica paralelos com o *e-learning* ao mesmo tempo em que sugere que, provavelmente, há diferenças específicas, e a principal diferença que se pode apontar entre as tecnologias móveis e fixas é o fato de que as tecnologias fixas têm a tendência de serem separadas do cotidiano, enquanto que as tecnologias móveis tendem a fazer parte do mesmo. Conforme aponta Pegrum (2014):

Decidir quão grandes são as diferenças e quão significantes elas são para a educação, nós precisamos olhar bem de perto os dispositivos móveis [...] nós podemos usar a distinção de Puentedura's (2012) na qual afirma que os dispositivos portáteis são normalmente usados no ponto A, encerrados, e abertos novamente no ponto B, enquanto os dispositivos móveis podem ser usados no ponto A, ponto B e em todo lugar entre os mesmos pontos, sem parar. (PEGRUM, 2014, p.05)³

É importante ressaltar que, quando falamos em mobilidade, não nos referimos apenas aos aparelhos, mas principalmente aos alunos. Em alguns casos, apesar de os aparelhos serem móveis, se forem usados em lugares fixos, a experiência de aprendizagem não será móvel. Em outros casos, observamos a mobilidade dos aparelhos juntamente com a mobilidade dos alunos, mas a experiência de aprendizagem continua sendo fixa. E, finalmente, temos situações nas quais a mobilidade se aplica tanto aos aparelhos e alunos quanto à própria experiência de aprendizagem na qual estão inseridos, conforme descrito por Pegrum (2014):

[...] estão transformando contextos do mundo real em contextos de aprendizagem no ponto em que suas experiências locais cruzam com seus canais globais de comunicação, e onde suas experiências pessoais cruzam com suas redes sociais. A aprendizagem situada dos alunos – capturada, reorganizada e (re-)presentada como conteúdo gerado pelo usuário – pode ser compartilhada através das redes sociais digitais onde ela pode ser reutilizada como material de aprendizagem por outros estudantes. Esta é a web 2.0 tornando-se inteiramente móvel. (PEGRUM, 2014, p.19).⁴

in which people on the move increasingly try to cram learning into the interstices of daily life. (SHARPLES, 2005, p.02).

³ Tradução livre: To decide how large the differences are, and how significant they are for education, we need to take a closer look at mobile devices [...] we might use Puentedura's (2012) distinction that portable devices are normally used at Point A, closed down, and opened up again at Point B, while mobile devices may be used at Point A, Point B and everywhere in between, without stopping. (PEGRUM, 2014, p.05).

⁴ Tradução livre: [...] they're turning real-world contexts into learning contexts at the point where their local experiences intersect with their global communications channels, and where their personal experiences intersect with their social networks. Students' situated learning –

A reflexão acerca da aprendizagem móvel deve, ainda, levar em consideração: a aprendizagem que ocorre fora das salas de aula, considerando a aprendizagem formal e informal; a teorização da aprendizagem como um processo social e construtivo, preocupado e focado na responsabilidade social; e o uso ubíquo de tecnologia pessoal e compartilhada, considerando a aprendizagem como uma atividade pessoal e situada mediada pela tecnologia.

Chega! Grito comigo mesma! De súbito um pensamento me ocorreu: a facilidade de me enveredar na crença de que as tecnologias de informação e comunicação trouxeram uma oportunidade “cor-de-rosa” para as escolas e que as mesmas são as redentoras e salvadoras da educação. Não! Preciso ser mais crítica em relação a isso tudo! E as pessoas que não têm acesso às mesmas? E as milhares de escola do meu país que não possuem computadores e, quando possuem, não têm acesso à banda larga de qualidade? E a repetição das mesmas práticas pedagógicas utilizando as novas tecnologias, sem que haja uma mudança de paradigma sobre o que é aprender e ensinar? E as características únicas de cada alunos que não são respeitadas, muito menos os conhecimentos que esses mesmos alunos já trazem para a escola, mesmo utilizando tecnologia? E o que falar de uma sala na qual todos possuem tablets e celulares smartphones de última geração e ainda assim o preconceito transita livremente por entre as carteiras? E se pensarmos nas escolas com equipadas salas de informática de fazer inveja a qualquer engenheiro de TI e que continuam moldando as ideias e pensamentos dos alunos, na tentativa que pensem por si próprios, apregoando e gritando em alto e bom som a discriminação dos menos favorecidos, das minorias (negros, gays, lésbicas, transexuais etc), colaborando para na construção de discursos de ódio para com o próximo? Não, as tecnologias jamais serão capazes trazer qualquer mudança para a vida das pessoas se não tivermos o único objetivo de tornar as pessoas mais humanas e menos máquinas!

Tantas coisas para pensar, refletir, conceituar e, principalmente, aceitar. Aceitar que eu, enquanto professora, preciso rever o meu papel na sala de aula, na interação com meus alunos, na interação-integração-reflexão com/das tecnologias digitais móveis e, principalmente, rever o meu papel na “minha vida”. Olho ao meu redor e percebo

captured, reorganised, and (re-)presented as user-generated content – can be shared across digital networks, where it may be reused as learning material by other students. This is web 2.0 gone truly mobile. (PEGRUM, 2014, p.19)

que a minha “bagunça” está maior, parece que os livros espalhados se multiplicaram, ou então fui eu que “saí” desse solilóquio tão mais cheia de perguntas. Melhor parar aqui agora, dar um tempo, retomar alguma leitura deixada para trás. Deixo a bagunça aqui dentro de mim, deito na cama com Calvino em mãos que, nesse momento, vai conversar comigo sobre “O porquê de ler os clássicos”, torcendo para que meu solilóquio continue em outra ocasião.

AGRADECIMENTO

Agradeço à CAPES pela concessão da bolsa de doutorado que possibilitou a realização desta pesquisa

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
_____. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
_____. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- KIDD, T.K.; CHEN, I. *Ubiquitous learning - strategies for pedagogy, course design and technology*. Charlotte, NC: Information Age Publishing Inc., 2011.
- KUENZER, A. *Política Educacional e planejamento no Brasil: os descaminhos da transição*. São Paulo: Cortez, 1990.
- LÉVY, P. *Cibercultura*. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2000.
- PEGRUM, M. *Mobile learning – languages, literacies and cultures*. England: Palgrave Macmillan, 2014.
- POWERS, W.O. *BlackBerry de Hamlet: filosofia prática para viver bem na era digital*. São Paulo: Alaúde, 2012.
- SANTAELLA, L. *Comunicação Ubíqua: Repercussões na cultura e na educação*. São Paulo: Paulus, 2013.
- SHARPLES, M. et al. *Towards a Theory of Mobile Learning*. United Kingdom: Birmingham, 2005.
_____. *Mobile learning: small devices, big issues*. In Balacheff, N., et al (eds) *Technology enhanced learning: Principles and products*. Berlin: Springer, 2009.
- SOARES, S. G. *Educação e Comunicação: tecnologia de informação e comunicação – otimismo exacerbado e lucidez pedagógica*. São Paulo: Editora Cortez, 2006.